

**A NOVA DINÂMICA CAMPO-CIDADE REVELADA PELO TURISMO
RURAL: O CASO DE VENDA NOVA DO IMIGRANTE - ES**

**THE NEW DYNAMIC OF CITY/COUNTRYSIDE REVEALED BY THE
RURAL TOURISM: “THE CASE OF VENDA NOVA DO IMIGRANTE, A
CITY OF ESPÍRITO SANTO STATE – BRAZIL”**

Patrícia Ferraz do Nascimento

Mestranda em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa (UFV)
Graduada em Economia Doméstica (UFV)
patifena@hotmail.com

Ana Louise de Carvalho Fiúza

Doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)
Professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural (UFV) e
do Grupo de Estudos Rurais: agriculturas e ruralidades
louiseffiúza@ufv.br

Neide Maria de Almeida Pinto

Doutora em Ciências Sociais (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
Professora do Departamento de Economia Doméstica (UFV)
nalmeida@ufv.br

Resumo

O presente artigo apresenta, inicialmente, uma revisão sobre as formas de interpretação do termo *rural*, a partir das diferentes definições e usos no campo das ciências sociais. Posteriormente, revela as potencialidades conceituais para se pensar o *rural*, abertas pelo estreitamento da distância entre campo e cidade propiciado pelo turismo rural, apresentando o caso de um município da região serrana do Espírito Santo. Optou-se por se trabalhar com panfletos, notícias de jornal e sites, em virtude de serem estes os principais meios de divulgação do turismo rural no contexto estudado, e com entrevistas realizadas junto aos gestores do turismo rural. Verificou-se, a partir do estudo, uma revitalização da sociabilidade local com a intensificação das relações com os turistas. Ademais, a hibridização entre tradição e modernidade, conforto e simplicidade, traduziu-se em algo legitimado pelo grupo, revitalizando as relações sociais em nível local. Percebeu-se também que os destinos turísticos eram apresentados à população citadina como lugares protegidos, livres das contaminações e dos problemas da vida urbana.

Palavras-chave: Ruralidade. Turismo rural. Festa camponesa. Representação social. Venda Nova do Imigrante.

Abstract

This paper initially presents a review on the interpretation forms of the *rural* word, from different definitions and uses in the Social Sciences field. Subsequently, this work reveals the conceptual potential for thinking about the *rural* open by narrowing the gap

between city and countryside offered by rural tourism, showing the case of Venda Nova do Imigrante, municipality in the mountainous region of Espírito Santo State, Brazil. The work was done with flyers, newspaper, and news sites, because they are the main means of rural tourism dissemination in the studied context and interviews with the managers of rural tourism. This study shows a revitalization of local sociability with the intensification of relations with tourists. Moreover, the hybridization among tradition and modernity and comfort and simplicity has resulted in something legitimized by the group, revitalizing social relations. It was also perceived that the tourist destinations were presented to the city population as protected places, free of contamination and the problems inherent in urban life.

Keywords: Rurality. Rural tourism. Peasant party. Social representation. Venda Nova do Imigrante.

Introdução

Atualmente o *rural* se constitui em objeto de estudo de várias áreas de conhecimento, entre as quais se destacam a Sociologia, a Antropologia, a Geografia e a Economia. No entanto, nem sempre foi assim: de acordo com Lefebvre (1986), antes do Século XIX havia pouco interesse em se estudar o *rural* e a vida das populações camponesas. Somente a partir da Revolução Industrial, no Século XVIII, que trouxe o crescente predomínio da indústria sobre a agricultura e da cidade sobre o campo, é que as inquietações advindas dessas transformações converteram-se em interesse de estudo.

Segundo Favareto (2007), na Sociologia, a criação de uma parte dedicada ao *rural* veio apoiada por um ranço conservador, expresso na oposição comunidade-sociedade, cuja representação opunha retratos congelados de realidades antagônicas e hegemonicamente diferenciadas entre si. Ainda que a categoria *comunidade* apontasse para aspectos nostálgicos de uma infância perdida da humanidade, ela retinha em si a inocência da criança face à altivez racional da “civilização citadina”. Percebe-se, assim, que as categorias teóricas, como *comunidade x sociedade*, não deixavam de carregar consigo representações profundamente ideologizadas.

Assim, os estudos voltados para as transformações havidas no campo e nos modos de vida rurais sempre trouxeram embutidas em suas representações científicas as visões sociais de mundo, que, apesar de serem inevitáveis a qualquer estudo e área do conhecimento, na Sociologia parecem permanecer mais imunes aos rigores da vigilância epistemológica e enfraquecidos em face da necessidade de objetivação das categorias analíticas.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar as representações científicas acerca do *rural* em um contexto de novas relações entre campo e cidade, mediante a efervescência do turismo rural. Entende-se neste artigo que as representações sociais se constituem em formas de conhecimento socialmente elaboradas e partilhadas e pressupõem uma forma de legitimação social acerca dos fenômenos e acontecimentos que nos rodeiam. Elas possuem elementos informativos, cognitivos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões e imagens. Dessa forma, a representação social tem com o seu objeto uma relação simbólica: ela pode substituí-lo, tornando-o presente quando o mesmo está ausente; mas, também, interpretativa, ou seja, conferindo-lhe significados e sentidos (JODELET, 2001).

De exclusivamente agrícola e autônomo, o *rural* passa hoje, segundo Carneiro (2012), a ser concebido como objeto de consumo da sociedade urbano-industrial, tendo na natureza um bem simbólico exponencial, deixando de ser percebido como local de produção de gêneros alimentícios e matéria-prima, apenas. Assim, este artigo apresenta, inicialmente, uma revisão sobre o termo *rural*, a partir de suas diferentes definições e usos no campo das ciências sociais. Posteriormente, apresenta as potencialidades conceituais para se pensar o *rural*, abertas pelo estreitamento da distância entre campo e cidade, destacando o papel que o turismo rural tem tido neste sentido, em função da valorização das tradições e das festas típicas. Apresenta-se, como ilustração das questões conceituais discutidas, o caso de Venda Nova do Imigrante, município da região serrana do Espírito Santo, conhecido por sua atratividade turística ligada à natureza e às tradições.

As diferentes interpretações sobre o *rural*

O termo *rural* tem sido utilizado no senso comum e mesmo ao longo do desenvolvimento da Sociologia Rural como sinônimo de *campo*, baseando-se em diferenças empíricas, em características relativas aos aspectos ocupacionais e ambientais presentes no território, tais como: o tamanho das comunidades, a densidade populacional, a mobilidade e as características da paisagem (ENDLICH, 2010). Contudo, neste artigo, trabalhou-se com uma concepção de *rural* que não designa os espaços em termos das características empiricamente observadas. Reforçou-se, neste

artigo, a perspectiva de Soto (2011), que argumenta que, para que o *rural* se tornasse uma categoria sociológica, seria necessário que ele deixasse de se referir aos aspectos geográficos e passasse a ser entendido a partir das relações sociais (SOTO, 2011).

Fazendo uma retrospectiva do uso dos termos *rural* e *urbano* na literatura sociológica, percebe-se que foi a partir da Revolução Industrial, no Século XVIII, que surgiu o interesse em estudar as transformações que estavam afetando a sociedade rural. Esse súbito interesse pode ser explicado por dois fatores: de um lado, por um “romantismo” frente às tradições e, por outro, devido à vagarosa derrocada dos proprietários fundiários, que continuaram servindo de referência de status para a própria burguesia, que se enriquecia com o desenvolvimento do mercado capitalista, porém valorizava a própria aquisição de terra como uma forma de status social (LEFEBVRE, 1986).

A Sociologia Rural anterior a 1950 teve como orientação teórica um conceito de *rural* essencialmente descritivo e empírico. Apoiava-se na ideia de um *continuum rural-urbano*, que tomava o *rural* e o *urbano* como espaços essencializados e opostos um em relação ao outro. A partir dos anos 1960, entretanto, esta visão empírica e antagonizada do *rural* e do *urbano* já apresentava dificuldades para se sustentar em virtude de o processo de aproximação das relações entre campo e cidade tornar cada vez mais evidente o hibridismo cultural da vida no campo. Segundo Wanderley (2009), a mistura entre elementos do modo de vida urbano com o rural se fez sentir, principalmente, em decorrência da monetarização das relações de trabalho e das trocas mercantis. Os habitantes do campo tornaram-se, também, consumidores de bens e serviços, aproximando o seu modo de vida ao dos cidadãos, ainda que isto não significasse, por si mesmo, a perda da sua identidade. Desta forma, não fazia mais sentido pensar-se em um *continuum* evolutivo, tendo em vista que se tornava evidente que estes espaços estavam em contínua transformação, assim como os seus habitantes.

Diante dessas aproximações entre os modos de vida de cidadãos e rurais, uma nova vertente da literatura vem dando ênfase nas transformações relativas ao modo de vida, em detrimento das preocupações voltadas para o espaço. Expressam esta tendência atual os estudos sobre *livelihoods* de autores como Ellis (2000), Haan e Zoomers (2005), Perondi (2007), Pereira *et al* (2010). Com uma perspectiva menos voltada para a

relação entre a sustentabilidade e os meios de vida, como a manifestada entre os autores citados anteriormente, mas, também, se voltando para as transformações nos modos de vida no campo temos os estudos de Wanderley (2009), Carneiro (2012), dentre outros, que cada vez se afastam mais de uma tendência centrada na análise do espaço rural para uma análise em torno das transformações e permanências em torno dos modos de vida dos habitantes do campo. Por isso, para Biazzo (2008), seria importante se observar que existem *ruralidades* e *urbanidades*, as quais expressariam as racionalidades, as construções simbólicas, as manifestações ou criações culturais concebidas, a partir de hábitos e costumes diferenciados localmente.

As concepções de Biazzo (2008) se coadunam com a de Rambaud (1969), que realizou uma ampla pesquisa sobre o processo de urbanização do campo na França, no pós-Segunda Guerra Mundial, defendendo a perspectiva de que a sociedade rural era parte de uma sociedade una, dada a força expansiva do modo de vida urbano, que, segundo ele, embora tivesse tido o seu nascimento na cidade, não se restringia a ela, envolvendo também o campo. Essa força expansiva própria do modo de vida urbano adviria do fato de a cultura urbana se identificar com uma cultura com características universalizantes, já que possuiria componentes materiais e símbolos, que propiciariam a abertura da sociedade para um amplo acesso e troca de informações e de bens materiais e culturais.

Porém, o gradativo e heterogêneo processo de aculturação da sociedade rural face à urbana não se estabeleceria de forma impositiva, como defende Burke (2010), em seu estudo sobre o hibridismo cultural. Os próprios habitantes do campo manifestariam o desejo de assumir um modo de vida mais urbano, em virtude de concebê-lo como sendo menos “sofrido” e “rude”. Tanto para Burke (2010), como para Rambaud (1969), o processo de urbanização seria antes de tudo mental e se manifestaria de forma segmentada e diferenciada em termos de grupos e indivíduos em uma dada sociedade. Cada indivíduo montaria o seu “canivas”, uma espécie de tela sobre a qual, de forma individualizada, cada um poderia tecer o seu próprio bordado, a sua própria trama, com aquilo que escolheu pegar da cultura urbana. Ou seja, a tela seria a estrutura que serve de base para o indivíduo constituir as suas referências, a sua identidade, mas ela seria flexível, permitindo ao indivíduo fazer escolhas. Burke (2010) mostra como este fenômeno se manifesta na música, na literatura, nas práticas culturais, na economia, na

política, em diferentes culturas. Rambaud (1969), detendo-se à esfera do processo de transformação pelo qual os habitantes do campo passaram no Pós-Segunda Guerra Mundial, destacou que tal processo se dava de dentro para fora, não como uma simples imposição de um grupo dominante. Tal como Burke (2010), mostrou em seus estudos sobre o hibridismo cultural ao chamar a atenção para o fenômeno da circularidade cultural, Rambaud (1969) destaca que os rurais elaboravam representações sobre a cidade e sobre a cultura urbana em seu quadro mental de referência, o qual lhes servia de guia para orientar as suas atitudes e comportamentos.

Candido (1964), na obra *Os parceiros do Rio Bonito*, utilizando-se de uma abordagem bem próxima à de Rambaud (1969), descreve as transformações dos “meios ou condições de vida” em um agrupamento de caipiras, durante os anos de 1948 a 1954, em um município do interior de São Paulo. O autor utilizou-se tanto da Antropologia quanto da Sociologia, com dados históricos e estatísticos, buscando realizar um equilíbrio entre as duas. Metodologicamente, o autor lançou mão de dois recursos a fim de buscar informações sobre a vida do homem do campo, sendo eles os documentos de relatos de viajantes dos Séculos XVIII e XIX, bem como de relatos de idosos da região, a fim de saber deles como era o “tempo dos antigos”. Segundo Candido (1964), a cultura e a sociedade rústica/caipira apontavam para o que existia de tradicional no Brasil. Para o autor, a sociedade caipira tradicional caracterizava-se por uma vida social fechada, com base na economia de subsistência e marcada por certa homogeneidade.

Segundo Candido (1964), o termo *meios de vida* pressupõe um equilíbrio relativo entre as necessidades de dada sociedade e a sua satisfação por meio de recursos do meio físico. No entanto, as necessidades de uma sociedade não podem ser entendidas apenas pelo seu caráter natural, relativo à existência física dos indivíduos, mas, também, pelo seu caráter social e cultural, ou seja, as necessidades seriam inventadas pelo homem na vida em sociedade e a sua satisfação dependeria dos recursos por eles disponibilizados. A sociedade, portanto, precisaria se organizar a fim de satisfazer determinada necessidade. Essa organização da sociedade para satisfazer as suas necessidades chamar-se-ia *meios de vida* ou *modos de vida*. Candido (1964) exemplifica bem o constructo *meios de vida* ao dizer: “o homem não precisa apenas de comida, mas de uma organização para obter comida” (GOODFELLOW, 1939 *apud* CANDIDO 1964, p.11).

Nesse sentido, ao avaliar como se comportou a cultura caipira diante de fatores de perturbação representados pelo latifúndio produtivo comercializável, pelo desenvolvimento urbano, pelo escravo e pelo imigrante, Candido (1964) demonstra que o modo de vida caipira passou por uma redefinição de vínculos de dependência, que incorporaram a órbita da fazenda e das povoações, afastando-se relativamente das estruturas tradicionais típicas. A situação estudada pelo autor seria resultado da coexistência dos fatores de persistência, os quais contribuiriam para a continuidade dos modos tradicionais de vida e dos fatores de transformação que representariam a incorporação de padrões modernos. Diante da realidade de mudança, o autor classifica três indivíduos típicos: 1) o caipira que procura enquadrar-se ao máximo às novas condições; 2) o que se apega à vida tradicional, procurando conciliá-la com as exigências presentes; 3) o que é totalmente incapaz de ajustar-se às duas condições anteriores.

Além do mais, segundo o autor, a realidade seria complexa e não permitiria ver na influência exercida pela urbanização um processo evolutivo simples e unívoco. Na verdade, os fatores tradicionais exerceriam ação reguladora, não raro envolvendo os outros, combinando-se a eles, integrando-os de certo modo no seu sistema: “A situação não é de substituição mecânica dos padrões; mas de redefinição dos incentivos tradicionais, por meio do ajustamento dos velhos padrões ao novo contexto social” (CANDIDO, 1964, p.161). A “acomodação” do caipira aos padrões urbanos se faria conforme o encontro de condições satisfatórias para substituir os seus próprios padrões de vida. Por fim, Candido (1964) argumenta que este fenômeno não deveria ser encarado em si como expressão de uma cultura vivendo fases do seu desenvolvimento, dentro de uma perspectiva evolutiva, mas, antes, como um fenômeno global de aproximação entre a cultura das cidades que vai absorvendo as variedades culturais rústicas, desempenhando, portanto, cada vez mais, o papel de cultura dominante, através da imposição de suas técnicas, seus valores e padrões de vida.

Na década de 1990, surge no Brasil uma nova abordagem para os processos de transformação do *rural*, em que a terminologia *novo rural* foi cunhada e utilizada para descrever as mudanças pelas quais vem passando o campo brasileiro, dentro de uma perspectiva macroestrutural, centrando o foco das mudanças nas transformações das estruturas sociais e econômicas. De acordo com Graziano da Silva (1997), pensar as

diferenças entre *rural* e *urbano* torna-se cada vez menos importante. Segundo o autor, o *rural* hoje deve ser entendido como um *continuum* do *urbano* no nível espacial e, no que se refere à estrutura econômica e de trabalho, o *rural* não pode ser mais identificado ao *agrário* e o *urbano* ao *industrial*.

De acordo com Graziano da Silva (1997), essas mudanças que estão tornando o *rural* mais urbanizado são, em parte, resultado do processo de industrialização da agricultura, do avanço do capitalismo sobre o campo. Neste processo, a atividade agrícola deixa de ser um sistema autárquico para se integrar à economia geral e, por outro lado, fruto de mudanças políticas, econômicas e sociais ligadas à questão do status profissional e o encurtamento de distâncias a partir das inovações em comunicação e transporte. O autor aponta, assim, para uma nova sociedade: a pós-industrial. Dentro do chamado *novo rural*, o autor destaca a importância de dois processos: a presença da pluriatividade e das atividades não agrícolas no campo. Segundo ele, de um lado, os agricultores e trabalhadores rurais assalariados se dedicariam à agricultura por tempo parcial, combinando-a, de forma crescente, com atividades rurais não agrícolas ou atividades urbanas; de outro, os profissionais de origem urbana, atraídos pela vitalidade do *novo rural*, passariam a reconhecer no campo a oportunidade para o desenvolvimento de seus negócios.

Veiga (2004), ao analisar o destino da ruralidade dentro do processo de globalização, utiliza-se de uma abordagem territorial e se baseia em variáveis empíricas. O pesquisador afirma que a dicotomia *rural-urbano* continua a perpetuar em seus extremos duas hipóteses opostas: a da completa urbanização de Henri Lefebvre de 1970 e a do renascimento do rural de Bernard Kaiser de 1972. No entanto, Veiga questiona a utilidade de ambas para a atual situação em que se encontra o *rural*. Para ele, tanto a hipótese da urbanização do campo de Lefebvre, quanto a do renascimento do rural, de Kaiser, deveriam ser em partes refutadas e em partes verificadas, o que levaria, segundo ele, a uma terceira: “(...) o mais completo triunfo da urbanidade engendra a valorização de uma ruralidade que não está renascendo, e sim nascendo” (VEIGA, 2004, p.67).

Nesse sentido, Veiga (2004) defende que, nos últimos vinte anos, tornou-se cada vez mais forte a atração exercida pelo *rural* em todas as sociedades desenvolvidas. Mas essa atração pouco teria a ver com a relação que essas sociedades tiveram com o *rural*

no passado. A atual ruralidade não faz voltar os elementos da ruralidade pretérita e por isso não cabe o termo *renascimento*, já que essa atração ancora-se em outros elementos, no caso as amenidades rurais. Assim, a urbanização tende a revigorar a ruralidade, mediante mutações. Por fim, Veiga (2004) coloca que não cabe falar em um único destino para a ruralidade, mas, segundo ele, a globalização parece apontar vários destinos para ela.

Procedimentos metodológicos

Para a realização do presente estudo sobre as representações do *rural* em um contexto de novas relações entre campo e cidade, selecionaram-se panfletos, fôlderes, *sites* e jornais sobre festas e diversas atividades relacionadas ao turismo rural, na região serrana do Espírito Santo. Estes meios foram escolhidos, preferencialmente, em função de veicularem uma imagem do *rural*, constituindo-se, assim, em meios de produção de mensagens e imagens midiáticas através das quais representações do *rural* circulam e são cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais (BACKZO, 1985).

O local escolhido para a realização do estudo foi Venda Nova do Imigrante (mapa), município da região serrana do estado do Espírito Santo, com uma população de 20.447 habitantes, sendo que 5.638 deles residem no campo. A economia do município baseia-se na agricultura, principalmente do café (90% das propriedades). Entretanto, destaca-se atualmente pela sua inserção no turismo rural, dado que o município é conhecido como a *Capital Nacional do Agroturismo*, atividade em plena expansão (IBGE, 2011). O município é povoado por descendentes de emigrantes italianos. Desde 1991, os produtores se associaram ao Centro de Desenvolvimento Regional do Agroturismo, criando e organizando roteiros de visitação para os turistas e festas (PREFEITURA MUNICIPAL DE VENDA NOVA DO IMIGRANTE, 2011).



Figura 1: Mapa de localização do município de estudo.

A partir da visita ao município e a algumas propriedades que recebem turistas, foram coletados 31 panfletos/fôlderes de divulgação do turismo na região. De maneira geral, os panfletos trazem imagens das propriedades e informações sobre os serviços e produtos fabricados e são instrumentos utilizados como propaganda pelas propriedades que recebem os turistas. O *site* e o jornal local foram utilizados para a descrição e análise da festa local que acontece em função do turismo. No *site*, foram selecionadas as interfaces que descreviam as atrações da Festa da Polenta, que remetiam ao modo de vida rural.

Para além deste material de divulgação de atividades voltadas para o turismo rural na região, foram realizadas entrevistas nos empreendimentos de turismo rural do Circuito de Agroturismo de Venda Nova do Imigrante. Ao todo, foram identificados e entrevistados 30 empreendimentos de turismo rural. Por fim, realizou-se uma análise das informações coletadas.

Resultados e discussões

O turismo rural como parte do processo de transformação do campo

O turismo rural se inscreve na teoria geral das transformações do campo devido à atração que a natureza e a ruralidade exercem sobre os habitantes da cidade. O turismo rural, nesse sentido, constituir-se-ia em manifestação de uma expectativa urbana, que incitaria os agricultores a se tornarem “vendedores de atrativos para as férias dos cidadãos”, modificando, assim, a organização da sociedade rural, em que a produção agrícola deixaria de ser o centro. Com o advento do turismo, os pequenos vilarejos, muitas vezes mortos, ganhariam em movimento, agitação, tornando-se “cidades eclipses”, enchendo-se de vida em determinadas épocas do ano (RAMBAUD, 1969).

O turismo propiciaria um processo de diferenciação da sociedade rural impulsionado pelas demandas advindas dos cidadãos. Assim, o turismo incitaria os rurais a se renovarem, ao mesmo tempo em que propiciaria a valorização de algumas de suas tradições (RAMBAUD, 1969). Haveria, ainda, uma tendência à redução do etnocentrismo urbano, visto que seria a sociedade rural que forjaria um conceito de atividade-complemento para combinar tradição e inovação para receber os turistas. Os rurais adquiririam através do turismo uma condição ativa, em função de se tornarem anfitriões e os condutores de passeios em seu território de domínio.

Carneiro (2012) destaca que, com o movimento ecológico, que ganhou força nos anos 1990, o “ar puro” e o “contato com a natureza” passaram a ser vistos pelos cidadãos como uma espécie de “purificação”, contrastando-se com a vida cotidiana típica da sociedade industrial, concebida como “destruidora do meio ambiente”. Dessa forma, os cidadãos transformam a natureza e o modo de vida rural em bens de consumo, por meio do turismo. O campo passa a ser concebido como um lugar de vida, mais do que um espaço de produção, já que a agricultura, em alguns casos, torna-se um atrativo secundário, por ajudar a manter o clima de ruralidade, dado que no imaginário social cidadão a agricultura seria um importante componente do *rural*. Segundo Carneiro (2012), as novas experiências vivenciadas com o turismo rural permitiriam trocas de bens simbólicos e materiais e a ampliação das redes de relações sociais, promovendo a diferenciação social entre os habitantes de uma dada região, mas não

necessariamente a descaracterização da cultura local, tal como já havia afirmado Rambaud (1969).

Nesse sentido, para Carneiro (2012), o processo de transformação da sociedade rural poderia ser entendido a partir da incorporação de uma lógica urbano-industrial “filtrada” localmente. Ou seja, as demandas da sociedade urbana voltadas para o consumo de amenidades e costumes pretéritos levariam os rurais a remodelarem desde artefatos até comidas, danças e festejos, de forma a deixá-los palatáveis ao gosto dos cidadãos. A seguir, citam-se alguns relatos de empreendedores ligados ao turismo rural, relatando as mudanças e adaptações que fizeram para atender às demandas dos turistas:

“Mudou a estrutura, a gente fazia num fogão à lenha, numa tapagem toda aberta. Hoje a gente já reformou a parte de produção que é toda telada, toda azulejada, e o fogo já não é mais direto, a gente montou uma caldeira pra tá fazendo pra poder ter um pouco mais de higiene na parte da produção (...). A máquina de bater o açúcar também, eu sou bem musculosa assim (mostra os braços) de tanto bater o açúcar no tacho porque você tinha que mexer ele a mão pra poder ele açucarar. Hoje a gente já inventou uma máquina de mexer, então já facilitou um pouco mais também.”(Respondente 1, mulher, 42 anos)

“Nós usamos as mesmas peças de carne, os mesmos invólucros, a mesma pele. A forma de fazer é a mesma, mas a gente foi fazendo alguns ajustes. Por exemplo, antigamente a gente amarrava com embira, que é uma tira de uma árvore, depois era com um barbante muito forte, depois foi com tira de náilon. Aí veio a rede (...) e hoje a gente já faz com rede. (...) A questão do sal, antigamente não pesava, a minha mãe botava na mão, via e dava sempre certo. Mas pra mim eu já uso o peso, balança, cálculo e é aquilo, tenho certeza que vai ficar bom e é por aí. (...) também uso o ar condicionado por causa da mudança do tempo, antigamente era mais frio, não precisava.”(Respondente 6, mulher, 64 anos)

“Mudou a carne, porque eles (os *nonnos*) faziam com a carne do pescoço do suíno, essa carne é muito fibrosa e gordurosa e nós mudamos porque nós percebemos que os turistas que passavam queriam pra tira gosto e esse socol dos nossos *nonnos*, eles usavam como comida principal, pra mesa mesmo, eles davam até um nome, era sagrado. Pra você entender eles faziam o socol no início do ano, toda família descendente de italiano daqui tem filhos padres ou freiras, eles não tinham dinheiro pra comprar presente, eles presenteavam com socol quando eles vinham, todo ano eles vinham passear, então eles tinham o socol como uma coisa sagrada. No entanto, se alguém comesse fora de hora, fora de hora assim pra tira gosto, era motivo de briga. Por isso que nós mudamos, porque eles usavam então essa parte do porco ali e quando nós começamos a oferecer pro turista e eles falavam era muito gostoso porém tinha muita gordura, aí nos tínhamos que ter uma opção e nós fomos pro lombinho. Mas conservando o mesmo jeito de fazer, aquela mesma pelinha que é o peritônio do porco que envolve, o mesmo tempo de cura que é de 4 a 6 meses, o tempero também.”(Respondente 8, mulher, 54 anos)

“(...) esse cesto aí (aponta o dedo para o cesto) é do meu pai, ele que fazia. O meu sobrinho mais velho aprendeu com o papai. Porém o papai você pode ver, ele aproveitava esses arames velhos, porque italiano tinha muito desse negócio de aproveitar. Ele ia lá onde o moço mexia com cabo de energia, pegava esses arames, vinha a pé e ele aproveitava tudo. Mas o meu sobrinho já usa só taquara, ele é mais técnico.” (Respondente 2, mulher, 61 anos)

No primeiro relato, nota-se como o uso da tecnologia e de equipamentos veio para facilitar o trabalho. No segundo relato, faz-se também alusão ao uso de equipamentos, como o ar condicionado, devido às mudanças no clima. Cita-se, também, a mudança em torno do uso de medidas e pesos, que, segundo Candido (1964), revela uma racionalização da vida material. No terceiro relato, foram citadas as mudanças em torno de um dos alimentos mais típicos da região e que atrai também a curiosidade do turista, o socol. De acordo com a respondente 8, o alimento passou por uma série de mudanças devido às mudanças na sua própria função: de alimento sagrado dentro da cultura rural tradicional, o socol passou a ser um tira gosto para os turistas e, assim, acabou tendo que se adaptar às exigências dos mesmos. Por fim, no último relato, cita-se a substituição da ideia de adaptação do cesto, que antes era confeccionado a partir de restos de materiais que eram usados com outra finalidade, mas que eram reaproveitados no feitiço do cesto. Atualmente, utiliza-se o material adequado para o acabamento do cesto.

A Festa da Polenta

Ao analisar a *Festa dos Carreiros de São Valentim*, Froehlich (2003) percebeu que o próprio cartaz da festa trazia elementos que mostravam a vida dos antigos carreiros, agora estilizada na forma de festa e espetáculo para turista assistir e consumir. Assim sendo, a vida de dureza e privações dos carreiros estaria sendo teatralizada, por meio de uma festa que traria o passado para o presente, glamorizando atributos tipicamente rurais, como a simplicidade e a rusticidade, valorizados pelos turistas citadinos como expressão de um tempo pretérito romantizado. Para dar materialidade ao tema da festa, os moradores da comunidade utilizavam-se de antigos instrumentos de trabalho, que antes tinham utilidade prática no cotidiano vivido, passando agora a utilizá-los como objetos para se mostrarem, como uma peça de museu representativa de um tempo passado. A seguir será apresentada a Festa da Polenta, típica da região serrana do

Espírito Santo, como uma forma de aprofundar a percepção acerca das novas relações estabelecidas entre citadinos e rurais, bem como de se perceber a própria transformação do campo como um espaço de consumo de amenidades e tradições.

A Festa da Polenta acontece desde 1979 no município de Venda Nova do Imigrante. No início tinha um caráter de improvisado, porém, a partir de 1991, com o aumento do número de frequentadores, em sua maioria de origem urbana, organizou-se uma associação (Associação da Festa da Polenta – AFEPOL) para cuidar dos preparativos durante todo o ano (AFEPOL, 2011). A festa modifica a pacata vida do município do interior, enchendo-o de vida e movimento.

Os cartazes utilizados para divulgar a festa se constituem em importante estratégia de marketing da mesma. Ao observá-los, percebe-se que eles trazem três símbolos principais da festa – o tacho de polenta, o milho e o vinho –, sendo compostos por uma mistura de elementos novos e antigos, tradicionais e modernos. Os cartazes valorizam, ainda, a convivência das tradições com a modernidade, como se nota em um cartaz com um grupo de homens idosos vestidos com trajes antigos, tocando instrumentos musicais em uma roda de música, e dois cantores de pop rock, vestidos com trajes modernos. O objetivo central é resgatar e divulgar a cultura e o modo de vida rural dos imigrantes italianos que colonizaram a região, a partir de elementos ancestrais como a alimentação, a música, as danças, as vestes, entre outros.

A festa conta com inúmeras atrações: *Tombo da Polenta*, *Queijo Gigante*, *Paiol do Nonno* (avô), *Casa da Nonna* (avó) e o desfile da Rainha da Festa. O *Tombo da Polenta* se constitui no grande espetáculo da festa e refere-se ao momento em que um caldeirão gigante entorna mais de uma tonelada de polenta, sob o olhar atento dos turistas. São preparados 1.200 quilos de polenta; em um caldeirão que tem 1,60 metro de diâmetro, 1 metro de altura e foi fabricado em aço fundido por uma grande companhia siderúrgica. O objeto é uma réplica perfeita das panelas usadas antigamente. A polenta fica quase cinco horas cozinhando na presença do público, com um mecanismo de roldanas e manivelas, e o caldeirão gira e verte o alimento em um tabuleiro grande. Essa mesma polenta vai para a cozinha e é servida para os turistas (AFEPOL, 2011).

Além da polenta, outro alimento, fabricado e exibido enquanto parte do espetáculo, é o *Queijo Gigante*, de aproximadamente uma tonelada. O queijo desfila

pela cidade, acompanhado de um cortejo. Vários objetos antigos servem de enfeite e são exibidos nos carros de bois e tratores, devidamente guiados e acompanhados por pessoas com trajes típicos e ao som de músicas antigas. A corte passa pela cidade sob os aplausos dos visitantes e moradores. Posteriormente, o queijo é fatiado e distribuído ao público. O *Paiol do Nonno* é uma réplica do cotidiano das famílias nas primeiras décadas da colonização e da rotina de trabalho duro na agricultura. O Paiol representa o local onde o milho da polenta fica armazenado. Além do fogão à lenha, ferramentas como machado, foice, grapião e cangalha ficam expostos para os turistas, que ainda podem ver nos cantos do paiol, uma “galinha choca”, uma casa de abelha e outras curiosidades típicas do modo de vida rural (AFEPOL, 2011).

Há também o *Desfile da Rainha da Festa*, em que jovens descendentes das famílias imigrantes vestem roupas e adornos usados pelas ancestrais. O desfile tem o objetivo de mostrar às novas gerações elementos do vestuário típico do período entre 1725 e 1900, usados pelas mulheres, e eleger a jovem que melhor consiga tornar presente a imagem da típica mulher italiana. A *Casa da Nonna* também foi criada para mostrar como as mulheres viviam antigamente. A casa é uma réplica reduzida, em que objetos antigos compõem a decoração dos cômodos. Na sala, mulheres mais velhas, representando as *nonas*, fazem trabalhos manuais. No local é possível comprar biscoitos, ovos, doces caseiros e outros alimentos da culinária típica (AFEPOL, 2011).

Percebe-se que todas essas atrações trazem em si a representação de um modo de vida rural, em que se exageram e se estilizam características e elementos representativos do *rural*. Segundo Carneiro (1998), as festas camponesas ligadas ao turismo teriam como objetivo “espetacularizar” o *rural*, combinando o antigo com o moderno para atrair os turistas. Esse tipo de festa, segundo a autora, simularia uma identidade aldeã, como forma de reviver o passado (CARNEIRO, 1998). Neste sentido, segundo Rambaud (1969), o turismo rural transforma os moradores do campo em atores, visto que eles forjariam um conceito de ruralidade combinando tradição e inovação, em um processo em que a inovação seria capaz de trazer de volta a tradição de forma transformada. No caso do *Queijo Gigante* e do *Tombo da Polenta*, percebe-se a necessidade de combinação de elementos antigos ligados à tradição, mas também o uso de tecnologias modernas para tornar possível a realização do espetáculo.

Observa-se, também, uma inversão de papéis, dado que os moradores do campo desempenham o papel de atores sociais, enquanto que os citadinos se comportam como espectadores, flexibilizando o etnocentrismo urbano. A festa manifestaria um processo de negociação entre as duas sociedades, a partir de uma interação face a face. Esse processo de interação contribuiria para o entendimento de como se forjariam as representações coletivas, dado que essa interação só faria sentido dentro de um conjunto de eventos que ocorrem durante a co-presença e por causa dela. Dessa forma, se estabelece a “fachada”, em que uma imagem do *eu (rural)* seria delineada em termos de atributos sociais aprovados pelo *outro (urbano)*. A “fachada” não seria algo inerente aos moradores do campo, mas algo localizado no encontro, que no caso estudado toma lugar na festa, ocasião em que a sociedade rural incorporaria papéis sociais que lhe serviriam de guia para agir a partir da expectativa que o outro (turista) teria dela.

O clima para a Festa da Polenta é previamente preparado em termos emocionais e afetivos. Poucas semanas antes da realização da festa, o jornal local (*Folha da Terra*) lançou uma edição comemorativa que trazia memórias da infância dos primeiros imigrantes que chegaram à região, com relatos das dificuldades enfrentadas pelos *nonnos* quando crianças. As histórias retratavam uma infância protegida e ao mesmo tempo restrita em função das condições de vida, rudimentares e totalmente voltadas para o trabalho, para a subsistência: “Tudo faltava na comunidade”. As histórias relatadas misturavam palavras em português com a utilização de termos em dialeto. Segundo Rambaud (1969), o dialeto seria uma linguagem típica do modo de vida rural. O dialeto representaria uma economia de palavras, típica da sociedade rural. Antes visto como símbolo de atraso rural pelo modelo urbano, hoje passou a ser visto e representado de maneira positiva, como uma forma de reviver e valorizar a identidade nativa.

A festa também conta com alguns projetos voltados para o resgate da cultura e o ritual de plantio e colheita do milho. O *Projeto Resgate da Cultura* consiste em ministrar aulas de música nas escolas do município para promover o Festival de Música Italiana. Este projeto vislumbra nas crianças a grande oportunidade de difundir os valores culturais. As crianças eram tidas como a oportunidade de resgatar o passado, garantindo a manutenção da história local no futuro. Em todas as atrações da festa, percebe-se que os jovens, as crianças e os idosos eram os atores que ganhavam maior

destaque, talvez porque se atribuisse aos idosos o papel de depositários da memória da comunidade, concebendo-os como a presença viva do passado, enquanto que nas crianças e nos jovens se depositaria a expectativa de que não deixassem a tradição morrer. Cria-se, assim, através da festa, um elo intergeracional.

A festa também reconstrói uma história a partir do *Ritual de Plantio e Colheita do Milho*, que compõe uma alegoria. O ritual girava em torno do milho, alimento que compunha o prato principal e tema da festa. A Associação e os moradores promoviam a publicidade acerca das etapas anteriores à festa, as quais eram compostas pelo plantio, o cultivo e a colheita do milho. O plantio acontecia em abril e reproduzia a mesma simplicidade dos tempos antigos: nas roupas, nas comidas e na música (AFEPOL, 2011). Já a colheita era realizada em outubro, uma semana antes da festa, e servia para trazer um pouco do clima do aguardado evento. Um grupo de voluntários, vestidos como camponeses, ficava responsável por colher o milho, enquanto cantava canções tradicionais. Posteriormente, o milho colhido era armazenado no *Paiol do Nonno*, onde era moído em um moinho movido à água. Após a moagem, esse mesmo fubá ia para o caldeirão gigante e era usado para preparar a polenta servida na festa. Mais uma vez percebe-se a ruralidade representada por meio de uma teatralização (AFEPOL, 2011).

Na realidade estudada, pode-se perceber a inter-relação entre a memória e identidade do grupo. A imagem do *rural* descrita na festa remonta a uma imagem romantizada e idealizada do *rural*, construída a partir de objetos e costumes antigos que se transformam em relíquias a serem admiradas. Os nomes das propriedades, muitas vezes, remetem aos sobrenomes das famílias que colonizaram a região ou a alguma beleza natural, transmitindo uma ideia de acolhimento e intimidade. Também os panfletos apresentavam hotéis fazendas, *campings*, propriedades e restaurantes maquiados de rústico luxo: associavam-se imagens voltadas para o contato com a natureza e a simplicidade, mas sem a necessidade de abandonar os confortos da vida urbana.

A partir de uma análise detalhada dos panfletos, elencaram-se os elementos centrais vinculados ao modo de vida rural neles representados, mensurando a frequência com que esses elementos foram observados. A Tabela 1 mostra uma síntese das ideias centrais que se referem ao rural e das palavras encontradas nos folhetos que traduziam essas ideias e também a frequência com que esses elementos/ideias centrais apareceram.

Tabela 1 - Palavras que compõem os elementos centrais da representação do rural vinculadas pelos fôlderes e panfletos de turismo rural

Elementos centrais	Palavras que compõem os elementos centrais	Frequencia
Comida Típica	Pratos típicos, alimentos sem agrotóxicos, produtos orgânicos, produtos caseiros e artesanais	23
Natureza	Belezas naturais, cachoeiras, águas cristalinas, mata nativa, ar puro, espaço verde	21
Lazer	Passeios a cavalo, caminhada ao ar livre, trilha ecológica para caminhadas, passeios turísticos, campo e salão de jogos, passeios de charrete, pedalinhos e barquinhos no lago, piscinas, passeio de teleférico, pesque-pague, esportes	13
Conforto	Suítes com água natural direto da fonte, TV a cabo, internet, frigobar, vista panorâmica, bica d'água massagedora, banheira	8
Aventura	Esportes ligados à natureza: rafting, rapel, arvorismo, tirolesa	7
Ferramentas antigas	Fogão a lenha, carros de boi, moinho de pedra tocado a água	7
Tranquilidade	Relaxamento	9
Bucolismo	Suítes temáticas, romantismo, simplicidade, volta ao passado	5

Fonte: Resultados da pesquisa, 2011.

Observou-se, a partir da sistematização realizada, que a comida típica feita artesanalmente no fogão a lenha, a partir de matérias-primas livres de contaminações, colhidas na hora, às vezes com a participação do próprio turista, se constituía no mais frequente elemento atrativo dos fôlderes, seguido por: contato com a natureza, lazer, tranquilidade, conforto, aventura, ferramentas antigas e bucolismo. Percebe-se também que os lugares eram apresentados aos moradores da cidade como espaços de fuga, de refúgio, aos quais eles poderiam recorrer em momentos de estresse relativos à vida urbana. O *rural* era evocado nas imagens com saudosismo, lembrado como um modo de vida melhor, associado à inocência.

Sendo o campo concebido como o lugar do sagrado e da pureza, os cidadãos encontram no turismo rural um meio de purificar-se de toda a poluição inerente ao modo de vida citadino, acreditando que, a partir do contato com a natureza, com uma alimentação natural e com um modo de vida marcado pela simplicidade, iriam se purificar para posteriormente voltarem revigorados e sentindo-se capazes de enfrentar novamente a vida citadina.

Considerações finais

O presente artigo destacou o *rural* enquanto categoria simbólica, construída a partir das representações sociais dentro de um contexto de novas relações entre campo e cidade, por meio do turismo rural. Ao analisar a Festa da Polenta, percebeu-se a presença de uma ruralidade apresentada enquanto um espetáculo. Os moradores do campo incorporavam papéis sociais, tornando-se atores, enquanto os cidadãos se comportavam como espectadores. Assim, a “fachada” rural se construía tendo por base uma demanda urbana.

Observou-se, também, que a representação do *rural* traçada pelos moradores locais estava ancorada sobre a memória coletiva do grupo. Neste sentido, a hibridização entre tradição e modernidade, conforto e simplicidade, traduzia-se em algo legitimado pelo grupo, revitalizando as relações sociais em nível local, possibilitando a construção de uma nova ruralidade. Especificamente em relação aos pôsteres e panfletos de propaganda, percebeu-se que os destinos turísticos eram apresentados à população citadina como lugares protegidos, livre das contaminações e problemas da vida urbana.

A urbanização do campo revela que, tal como a cidade, também este espaço social e as pessoas que nele habitam absorvem de diferentes formas as transformações que são próprias do seu tempo. Nesse processo, uma das faces mais claras do entrelaçamento entre campo e cidade pode ser vista através das demandas geradas pelos cidadãos em termos de lazer e turismo no campo. O crescimento das atividades não agrícolas e pluriativas no meio rural ampliam as possibilidades de reprodução socioeconômica das pessoas, levando, gradativamente, a um deslocamento da centralidade da terra como fonte de geração de renda e emprego no campo. Descortina-se, assim, um campo vitalizado que oferece oportunidades não apenas em termos de novas possibilidades de trabalho, mas da própria transformação dos modos de vida passados de geração para geração.

Referências

ASSOCIAÇÃO DA FESTA DA POLENTA (AFEPOL). Festa da Polenta. Site elaborado pela AFEPOL que apresenta notícias e reportagens sobre a festa. Venda Nova do Imigrante-ES, 2011. Disponível em: < <http://www.festadapolenta.com.br/>>. Acesso em: 02 novembro 2011.

BACKZO, Bronislaw. Imaginação social. In: Enciclopédia Einauldi. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.

BIAZZO, Pedro Paulo. Campo e rural, cidade e urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em geografia agrária. In: ENCONTRO NACIONAL DE GRUPOS DE PESQUISA-ENGRUP, IV, 2008, São Paulo. Anais... São Paulo: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2008, p. 132-150. CD-ROM.

BURKE, Peter. Hibridismo cultural. Madri: Akal, 2010.116 p.

CANDIDO, Antônio. Os parceiros do Rio Bonito. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1964.336p.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, n. 11, p. 53-75, out. 1998.

_____. Ruralidades Contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012. 268p.

ELLIS, Frank. Rural livelihoods and diversity in developing countries. Oxford: Oxford University Press, 2000. 296p.

ENDLICH, Ângela Maria. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (org.). Cidade e campo. Relações e contradições entre urbano e rural. 2 ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010. 248p. p. 11-32.

FAVARETO, Arilson da Silva. A longa evolução da relação rural-urbano: para além de uma abordagem normativa do desenvolvimento rural. Ruris, Campinas, vol.1, n.1, p.157-190, março de 2007.

FROEHLICH, José Marcos. A reconstrução de identidades e tradições: o rural como tema e cenário. Antropolítica, Niterói, n.14, p.117-132, 1 sem. 2003.

GONÇALVES, Maria Auxiliadora. Histórias da minha infância: nos meus tempos de escola. Folha da Terra, Venda Nova do Imigrante/ES, n. 687, 10 outubro 2011, p. 2-24.

GRAZIANO DA SILVA, José. O novo rural brasileiro. Nova economia, Belo horizonte, vol. 1, n.7, p.43-81, maio de 1997.

HAAN, Leo De; ZOOMERS, Annelies. Exploring the frontier of livelihoods research. *Development and change*, Oxford (UK), vol. 36, n. 1, p. 27-47, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Serviços de informações. Banco de dados agregados. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 14 novembro 2011.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. 420p. p.17-44.

LEFEBVRE, Henri. Problemas de sociologia rural. In: MARTINS, José de Souza (org.). *Introdução crítica a sociologia rural*. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

PEREIRA, Márcio de Araújo; SOUZA, Marcelino de; SCHNEIDER, Sérgio. Meios de vida e *livelihoods*: aproximações e diferenças conceituais. *Revista IDEAS*, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 1, p. 41-62, 2010. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/775.pdf>> Acesso em: 20 dezembro 2012.

PERONDI, Miguel Ângelo. Diversificação dos meios de vida e mercantilização da agricultura Familiar. 2007. 237 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - UFRGS/Porto Alegre, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VENDA NOVA DO IMIGRANTE. Informações sobre a cidade e o turismo local. Disponível em: <<http://www.vendanova.es.gov.br/>>. Acesso em: 14 novembro 2011.

RAMBAUD, Placide. *Société rurale et urbanisation*. Paris: Editions du Seuil, 1969. 343 p.

SOTO, Willian Héctor Gómes. A crise da sociologia rural no Brasil e suas tradições teóricas. 2011. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/isp/ppgcs/publicacoes/william/15.pdf>>. Acesso em: 04 outubro 2011.

VEIGA, José Eli da. Destinos da ruralidade no processo de globalização. *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 51, n. 18, p. 51-67, 2004.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O mundo rural como espaço de vida – reflexos sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009. 328p.

Recebido em 23/04/2012 Aceito para publicação em 29/01/2013.
